

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

DANIEL ORSINI MARTINELLI

VIOLÊNCIA RELACIONADA AO FUTEBOL:

Uma Análise Sobre os Internautas

Campinas
2008

DANIEL ORSINI MARTINELLI

VIOLÊNCIA RELACIONADA AO FUTEBOL:

Uma Análise Sobre os Internautas

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)
apresentado à Faculdade de Educação Física da
Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do título de Bacharel em Educação
Física

Orientador: Profa. Dra. Heloisa Helena Baldy dos Reis

Campinas
2008

DANIEL ORSINI MARTINELLI

VIOLÊNCIA RELACIONADA AO FUTEBOL:

Uma Análise Sobre os Internautas

Este exemplar corresponde a redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Daniel Orsini Martinelli aprovado pela comissão julgadora em: 04/12/2008

Heloisa Helena Baldy dos Reis
Orientadora

Sérgio Luis Giacomello

Paulo Ferreira de Araújo

Campinas
2008

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais João Carlos e Ivone e aos meus irmãos João Paulo, Karina e Felipe por todo apoio e carinho que recebi durante toda faculdade e toda a vida. Ficou claro, durante estes anos, que nenhuma barreira é o bastante para derrubar a união desta família. Tudo que faço é pensando em vocês e resumo meus sentimentos em imensa gratidão, orgulho e amor eterno.

A Profa. Dra. Heloísa Reis por exercer com grande dedicação a carreira de professora e pela orientação que, segundo ela, foi “de coração”.

A todos os meus amigos e colegas que me acompanharam durante todo período de graduação, fazendo com este fosse muito agradável. Considero a maior aquisição destes quatro anos. Destes destaco o companheirismo de Rogério Matos, Ricardo Nishimura, Ricardo Pelinson, Diego Fernandez, Paulo Diniz, Pedro Emanuelli, Luis Eduardo Almeida, Matheus Andrietta, Giuliano Ricci, Rafael Pizani, Gabriel Massafra, Michele Negrello e Juliana Miguita.

A todos com que dividi a grande Réptil Durval, os quais fizeram com que me sentisse em um ambiente familiar em uma casa repleta de amizades.

Ao Bruno Sales, pelo auxílio na faculdade e na vida, mostrando que se pode existir um sentimento de irmandade sem ter o mesmo sangue. Uma amizade que levarei para o resto da vida, com orgulho de tê-lo como irmão.

Ao Rafael Cornachione que, com seu companheirismo e bom humor tornou-se, em tão pouco tempo, um grande amigo e uma pessoa cujas atitudes e valores são admiráveis.

A Vanessa pelo auxílio na realização deste trabalho e por dar luz, paz, amor e sonhos a minha vida, me inspirando, diante de tamanha beleza, a conquistar tudo que aspiro e desejo alcançar.

Aos meus amigos, dos quais me distanciei fisicamente durante o período da faculdade, mas guardo na lembrança e nos momentos de reencontro uma grande felicidade.

A Andressa pela grande ajuda para a tradução, demonstrando ser uma ótima pessoa, com um grande futuro.

A todos os funcionários da FEF que são merecedores de grande respeito e admiração pelo trabalho.

Por fim, agradeço aos professores da banca pela presença e pelas orientações ao meu trabalho.

MARTINELLI, Daniel Orsini. **A Violência Relacionada ao Futebol:** Uma Análise sobre os Internautas. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RESUMO

A violência existente envolvendo um fenômeno como o futebol atual merece muita atenção e deve ser encarada como um problema de cunho social, necessitando de ações tanto dentro quanto fora dos estádios. Com isso, neste trabalho, buscou-se apresentar autores que dissertam sobre a violência em torno dessa modalidade, como Reis (2005 e 2006) e Murad (2006). Também foi utilizada a dissertação de mestrado de Rocco (2006) para compreender o uso da *internet* para torcedores agendarem confrontos e relatarem atos de vandalismo. Ainda, a tese de doutorado de Luccas (1998) é pertinente ao refletir, em sua pesquisa, sobre as torcidas organizadas, tendo como base a psicanálise de Freud. É visível, dentre os autores pesquisados, uma preocupação quanto à violência existente entre os torcedores de futebol. Estes autores, baseando-se na sociologia e na psicologia, buscam entender o indivíduo e as massas, com o objetivo da diminuição de atos violentos encontrados nesta modalidade. Fatores como o sentimento de pertencimento do indivíduo, a grande identificação com a torcida, o mal preparo dos órgãos de segurança e dos promotores das partidas, e a influência negativa da mídia especializada interferem diretamente para a disseminação da violência nas arquibancadas, nos arredores dos estádios, em locais públicos e, atualmente, na *internet*.

Palavras Chaves: Futebol, Violência, *Internet*

MARTINELLI, Daniel Orsini. **Violence Related to Football: An Analysis About Internet Users.** 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ABSTRACT

The existing violence involving a phenomenon like the current football deserves much attention and should be seen like a problem of social nature, requiring actions from both inside and outside the stadium. With that, in this work, one tries to perform an analysis of authors who discourse on violence around this type, as Reis (2005 and 2006) and Murad (2007). It was also used Master's Rocco dissertation (2006) to understand the use of the Internet for fan schedule confrontations and report acts of vandalism. Still, the PhD thesis of Luccas (1998) is relevant to reflect, in his research, about fans organized, based on the psychoanalysis of Freud. It is visible among the authors researched, a concern about violence among football fans. These authors, based on sociology and psychology, seek to understand the individual and the masses, with the purpose of reduction of violent acts found in this modality. Factors like feeling of belonging of the individual, great identification with the fans, bad preparation of the security agencies and of the promoters of matches, and negative influence of the specialized media interfere directly to the spread of violence in the bleachers, in surrounding of stadiums, in public places and, currently, on the Internet.

Keywords: Football; Violence; Internet

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

COI- Comitê Olímpico Internacional

FEF- Faculdade de Educação Física

FIFA- Federação Internacional das Associações de Futebol

ONU- Organização das Nações Unidas

UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 VIOLÊNCIA E FUTEBOL.....	13
2.1 O Futebol.....	13
2.2 Origens da Violência.....	14
2.3 A Violência.....	16
2.4 O Futebol e a Violência.....	19
2.4.1 Violência nos Estádios.....	19
2.4.2 A Violência Simbólica.....	23
2.4.3 Violência Racional.....	24
2.4.4 O Futebol e a Não-Violência.....	24
3 CIBERESPAÇO.....	26
3.1 Um Pouco de História.....	26
3.2 O Ciberespaço.....	29
3.3 Comunidades.....	30
3.3.1 Comunidades Virtuais.....	31
3.4 Torcidas Virtuais.....	32
3.5. <i>Websites</i> das Torcidas Organizadas de Futebol do Estado de São Paulo.....	35
4 AS TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL DO PONTO DE VISTA DA PSICANÁLISE.....	37
4.1 Referencial Teórico da Psicanálise.....	37
4.2 Relação Entre a Psicanálise e as Torcidas Organizadas de Futebol.....	42
4.2.1 Indivíduo e o Grupo.....	43
4.2.2 Relação Entre a Violência e a Psicanálise.....	44

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....47

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....50

1 INTRODUÇÃO

A escolha de estudar a violência relacionada ao futebol, que acontece dentro e fora dos estádios, ocorreu no ano de 2006, durante uma aula de psicologia, em que se falava sobre o fanatismo no esporte. Fanatismo este que foi o tema de uma iniciação científica com o título *O Futebol no Comportamento do Indivíduo: Conhecendo a Mente do Torcedor Fanático* (MARTINELLI, 2007). Uma conclusão, reconhecida já no início desta pesquisa, foi que uma das principais conseqüências do fanatismo, seja este político, religioso ou até no esporte, é a violência. A partir daí voltou-se a atenção principal para os tipos de violência que circundam o futebol atual, baseados em autores da sociologia, mas sem deixar de lado a importância da psicologia.

Este estudo tem como tema o futebol, a violência e o uso do ciberespaço para provocações e enfrentamentos de aficionados, além destes gloriarem-se de seus feitos violentos através da *internet*. Os objetivos desta pesquisa foram:

- Compreender a relação entre futebol e violência;
- Identificar se há violência nas comunicações via *internet*;
- Compreender a teoria Freudiana a partir de Luccas (1998).

Utilizou-se a metodologia qualitativa com enfoque bibliográfico, recorrendo-se principalmente aos estudos dos seguintes autores: Reis (2005 e 2006), Murad (2007), Rocco (2006) e Luccas (1998).

No primeiro capítulo, há uma análise sobre a violência relacionada ao futebol, com ênfase nas torcidas organizadas, baseando-se principalmente nas obras de Reis (2005 e 2006) e Murad (2007). Relata-se, também, sobre os tipos de violência mais recorrentes entre torcedores de futebol e algumas de suas conseqüências para o esporte.

Já no segundo capítulo, disserta-se sobre a ação de aficionados utilizando como meio de comunicação a *internet*, dentro das torcidas virtuais, que são comunidades virtuais relacionadas ao futebol. Os torcedores, via *internet*, agendam confrontos e relatam sobre estes. Com isso, surgem os *cyberhooligans* e os *cyberpunks*. Usa-se como principal referência a tese de doutorado de Rocco (2006).

Por fim, no terceiro capítulo, há uma análise psicanalista com foco nas torcidas organizadas de futebol e seus integrantes. Para isso, utiliza-se a dissertação de mestrado de Luccas (1998), que tem como base os principais textos de Freud sobre análise de grupos, recorrendo-se a conceitos da psicanálise e relacionando-os às torcidas organizadas.

2 VIOLÊNCIA E FUTEBOL

2.1 O Futebol

O futebol é caracterizado como um esporte moderno, que foi instituído como uma modalidade no final do século XIX, na Inglaterra, inicialmente praticado pela burguesia em escolas públicas e que se popularizou em um curto espaço de tempo (DUNNING; CURRY, 2006).

A assistência ao jogo de futebol como forma de lazer é muito freqüente no mundo e é uma atividade muito praticada no tempo livre do brasileiro, que acompanha as partidas tanto nos estádios como na televisão, rádio e, até mesmo, pelos relatos simultâneos em sites da *internet*. O êxito deste esporte como preferido no Brasil e no mundo faz com que um grande e crescente capital seja investido na modalidade e diversas áreas de atuação profissional direcionem sua atenção para o esporte. Além da educação física, a sociologia, a economia, o direito, a publicidade, entre outros, cedem, cada vez mais, especialistas para o espetáculo do futebol, com uma grande movimentação monetária direta e indiretamente (REIS, 2006).

Para Murad (2007), o futebol alcançou esse enorme nível de popularidade por ser um jogo simples (possui 17 regras contra 1800 do futebol americano, por exemplo), democrático, espontâneo e, principalmente, barato. Além disso, a FIFA (Federação Internacional das Associações de Futebol), órgão que rege o futebol mundial, possui maior número de nações associadas que o COI (Comitê Olímpico Internacional) e, até mesmo, a ONU (Organização das Nações Unidas), tendo grande relevância política, econômica e social.

2.2 Origens da violência

Como cita Reis (2006, p.15), “A violência é gerada socialmente e suas raízes e soluções são complexas, assim como o é a própria relação entre futebol e violência”. Segundo Murad (2007), o futebol é um fenômeno de multidões, como muitos outros são e, nessas situações de grande adesão da massa, a racionalidade é muitas vezes deixada de lado. Isto aliado à impunidade e descaso de autoridades¹, que possuem um mal-preparo para atender às necessidades das partidas, leva o indivíduo a agir sem pensar nas conseqüências.

Reis (2006) cita que para Dunning os indivíduos buscam satisfação no futebol e na sua identificação com o clube, em que há um forte envolvimento emocional. No âmbito societal, encontra-se predominância na sociedade de valores patriarcais.

Uma característica geral do patriarcado é supor que os homens se mostraram agressivos e lutaram, e que a capacidade e presteza para lutar em situações específicas, por exemplo, em uma guerra, por uma pátria ou por uma mulher e os filhos que foram agredidos, constituem uma marca chave no significado de ser homem (DUNNING apud REIS, 2006).

Reis (2006, p.33) diz que “as raízes da violência na Europa em geral apóiam-se em problemas sociais como o alcoolismo, o abuso e consumo de outras drogas e o racismo”. Este último é encontrado na forte ligação que existe entre torcedores violentos e segmentos neonazistas e nacionalistas.

O uso excessivo de bebidas alcoólicas é bem exemplificado na pesquisa de Martinelli (2007), quando um entrevistado, ao ser questionado se já havia participado de brigas nas arquibancadas, disse que “já, várias vezes. *Bebemos bastante, isto ajuda*”. Ainda, outro indivíduo disse: “*Acho que ajudaria no seu trabalho saber que na maioria das vezes que a torcida procura por brigas é efeito do álcool ou da cocaína. Muitos cheiram cocaína antes dos jogos, porque chegam mais “elétricos” e não têm medo de nada*”.

Outro ponto importante no trabalho de Reis (2006) é o relato do que o Senado e a Comissão Nacional Contra a Violência nos Espetáculos Esportivos da Espanha consideraram

¹ Ver Reis (2006)

como principais para a ocorrência de atos violentos no futebol. Encabeçando a lista está a existência de grupos de torcedores fanáticos, que possuem fobia por equipes rivais e grande identificação com o time pelo qual torcem. Seguido de decisões dos árbitros, declarações de atletas e da mídia entre outros. Vale ressaltar que muitos tumultos ocorriam no momento de aquisição do ingresso (REIS, 2006).

Para Murad (2007), a competitividade encontrada nos esportes, especificamente no futebol, é outro fator predominante para a vitalidade da violência nos jogos. O autor cita Simmel que considera que “a sociedade, para alcançar uma determinada configuração, precisa de quantidades proporcionais de harmonia e desarmonia, de associação e competição” (SIMMEL apud MURAD, 2007). O mesmo ocorre no futebol, em que a competição é fundamental para sua existência e lógica.

Murad (2007) faz uma crítica contundente à mídia, devido ao sensacionalismo que esta manifesta e ao fato de priorizar a audiência à informação real, exagerando os fatos e enfatizando assuntos secundários. Os veículos de comunicação taxam os torcedores organizados como vândalos, generalizando, e o futebol como violento. Como consequência, os torcedores pacíficos são repelidos e são atraídos para os estádios indivíduos que anseiam por tumultos, tanto no futebol, como em bares, festas e outros lugares. Neste ponto, Martinelli (2007) traz, no relato de um torcedor, uma clara manifestação deste contra a mídia. “*Muito se fala sobre brigas entre organizadas. Sim, elas existem, mas de quanto em quanto tempo se encontra uma delas? Quantos jogos acontecem sem brigas? Muitos. A mídia aumenta muito*”. Outro indivíduo condena a ação da televisão, a qual passa uma imagem negativa das torcidas organizadas, ao dizer que “*a televisão só mostra as coisas ruins. Quando muitas torcidas fazem confraternização, a TV não mostra nada*”.

Para Reis (2005), a seriedade atribuída ao futebol com a grande circulação monetária e sua importância na cultura brasileira, faz com que jovens busquem neste esporte a identificação com ídolos e times, consequência de uma carência, muitas vezes acompanhada de um baixo nível de escolaridade e condições precárias de sobrevivência. Esses torcedores se dedicam quase que integralmente às torcidas organizadas, submetendo-se a todas as imposições de diretores e presidentes, buscando um reconhecimento social.

Medidas punitivas, como a proibição da entrada de indivíduos com antecedentes de transgressão em estádios, foram adotadas em vários países, porém no Brasil, não

é aplicada e fiscalizada. A autora ainda ressalta a necessidade de uma política de prevenção e defende a participação das torcidas organizadas de futebol na sua elaboração (REIS, 2006).

2.3 A violência

Reis (2005, p.112) aponta que “os tipos de violência gerados pelos seres humanos são diversos e complexos”. Com isso, a autora utiliza a classificação de violência sugerida por Dunning, que contém oito categorias:

- 1) Se a violência é real ou simbólica, isto é, se apresenta a forma de uma agressão física directa ou envolve simplesmente atitudes verbais e/ou atitudes não verbais.
- 2) Se a violência apresenta a forma de um “jogo” ou “simulação” ou se ela é “séria” ou “real”. Esta dimensão pode também ser apreendida através da distinção entre violência “ritual” ou “não ritual” (...).
- 3) Se uma arma ou armas são utilizadas ou não.
- 4) No caso de as armas serem utilizadas, se os atacantes chegam a estabelecer contacto directo.
- 5) Se a violência é intencional ou a consequência acidental de uma sequência de acções que, no início, não tinha a intenção de ser violenta.
- 6) Se se considerar a violência iniciada sem provação ou como sendo uma resposta, sem retaliação a um acto intencionalmente violento, ou sem a intenção de o ser.
- 7) Se a violência é legítima no sentido de estar de acordo com as regras, normas e valores socialmente prescritos ou se não é normativa ou ilegítima no sentido de envolver uma infracção dos padrões sociais aceites.
- 8) Se a violência toma uma forma “racional” ou “afectiva”, isto é, se é escolhida de modo racional como um meio de assegurar a realização de um objectivo dado, ou subordinada a “um fim em si mesmo” emocionalmente satisfatório e agradável. Outra forma de conceptualizar esta diferença seria distinguir entre a violência nas suas formas “instrumentais” e “expressivas”. (DUNNING apud REIS p.111 e 112).

Murad (2007) analisa as idéias de vários pensadores, de diferentes épocas e contextos sociais, para interpretar os conceitos e as concepções sobre violência. O autor diz que “a violência acompanha a história desde sempre” (MURAD, 2007, p.167). Nisso, ressalta que a maioria dos estudiosos considera o homem em si violento e, por isso, todas as formas de civilização, tanto historicamente como atualmente, são cercadas pela violência. Desde as

primeiras civilizações, em todas as formas de organização social a violência é encontrada tanto em relatos do cotidiano como na mitologia.

Murad (2007) cita Arendt, que faz uma reflexão sobre a violência encontrada no século XX (século em que a violência foi mais estudada e denunciada) e diz que há uma crescente variação de distintas práticas de violência. Esta, que teve a tecnologia como grande aliada nesse século tornando-a cada vez mais imprevisível, é uma essência do homem e possui um grande papel nas suas relações sociais.

Murad (2007) diz que Arendt questiona a relação entre violência e poder que, para a autora, não são naturais do homem e sim, conseqüências das suas formas de organização, pertencendo “ao âmbito político dos negócios humanos” (ARENDRT apud MURAD 2007, p.78). Pode-se dizer que violência nenhuma gera poder, apenas o destrói, ou seja, atos de violência só são solicitados quando o poder não é totalmente consolidado, quando se encontra vulnerável. Segundo a autora, as autoridades criadas para garantir a segurança pública, muitas vezes, agem com brutalidade e, com isso, aumentam a disseminação da violência dentro da sociedade, reprimindo os indivíduos, evitando formas de manifestação, diminuindo suas possibilidades de ação e suas expectativas. Arendt conclui que tirar a ação do ser humano é conter sua criatividade e, portanto, empurrá-lo para uma tediosa rotina sem perspectiva.

Lipovetsky, citado por Murad (2007), justifica a violência pelo individualismo encontrado na atual sociedade de mercado e, segundo ele, as ações do indivíduo são correspondentes ao seu egoísmo. Também lembrado por Murad (2007), o filósofo Kant afirma que não podemos escolher nossos sentimentos, eles simplesmente aparecem. Com isso, o autor cita que existe “uma forma peculiar de escravidão, a escravidão aos nossos egoísmos, vícios e perversões, o que nos faz violentos uns com os outros em escala recíproca” (KANT apud MURAD, 2007, p.90). Ressalta-se que Rousseau (apud MURAD, 2007, p.91), diferente desses autores, cita que “o homem é bom por natureza, a sociedade que o corrompe”.

Murad cita também Aristóteles, filósofo grego que considera o egocentrismo a causa principal da intolerância e, esta “é uma das mais odiosas violências” (MURAD, 2007, p.105), sendo causa e conseqüência de violência e pode ser definida como a “dificuldade ou a impossibilidade de conviver e lidar com as diferenças, (...) geradora de preconceito, estereotipo e exclusão” (ARISTÓTELES apud MURAD, 2007, p.121). Além disso, o pensador avalia a

violência como uma consequência da política, isto é, a forma organizacional da sociedade de impor as regras a serem seguidas, criando uma relação de intolerância.

Murad afirma que “a sensação do fracasso inevitável (...) razão do desespero generalizado e reativo, essa consciência provoca o embrutecimento, os horrores e as crueldades tão comuns” (MURAD, 2007, p.113). Freud, citado por Murad (2007), assegura que a humilhação é uma das causas da violência, considerando a tolerância no convívio com o próximo um “ideal civilizador” (MURAD, 2007, p.114). Bourdieu, citado por Murad (2007) afirma que, na sociedade atual, há uma relação entre a tolerância à intolerância encontrada claramente em vários setores da sociedade. As religiões e a ONU também propõem a tolerância que o dicionário Aurélio, segundo Murad (2007), define como respeito ao modo de pensar, sendo esta uma forma de se propagar a paz.

Em uma visão humanista, com princípios mais radicais baseados em um ceticismo de que o homem, segundo Hume, (apud Murad) não possui justificativas para as atrocidades que comete, longe da ingenuidade e ilusão. Em outras palavras, em uma análise humanista, o indivíduo é responsável direto pelos seus atos violentos, não podendo culpar a sociedade, a situação ou a política, apenas a si próprio (Murad, 2007).

Elias, citado por Reis (2005) afirma que a realização de atos violentos com o intuito de prazer diminuiu nas sociedades modernas, ocorrendo uma repugnância à violência. Isso faz parte de um processo denominado por Elias de “processo civilizador” e faz com que as pessoas se auto-controlassem quanto à recorrência a violência.

A partir da idéia de classificação de violência de Dunning (apud REIS, 2005), é possível perceber que há vários tipos desta encontrados nas relações sociais. Fica claro que a violência realmente existiu a partir das primeiras interações entre os humanos, sendo usada por várias razões, como para a disputa de territórios, na busca de impor uma crença ou religião, na tentativa de educar os filhos, entre outros.

Assim, pode-se retomar a idéia de Rousseau (apud MURAD, 2007), a qual afirma que a sociedade torna o homem violento. Com isso, numa sociedade que é regida pela economia de mercado, que preza pelo individualismo e, conseqüentemente, desperta o egocentrismo do indivíduo, há uma influência direta e indireta para que o sujeito cometa atos de violência. Vale lembrar que Freud (apud LUCAS, 1998) cita que é o inconsciente que direciona

as ações do indivíduo, porém não pode se desvincular as questões sociais das individuais, sendo o sujeito influenciado diretamente pelas relações sociais desde seus primeiros momentos de vida.

2.4 O Futebol e a Violência

O futebol em si é contrário à propagação da violência, visto que suas regras proíbem e punem ações deste tipo ou até mesmo a clara intenção destas. Expressões como “levar na esportiva” ou “espírito esportivo”, como cita Savani (2006 in REIS, 2006, p.XVI) são usadas no cotidiano com um sentido pacífico, contrário à agressão físicas e verbais.

Entretanto, a violência acompanha o futebol desde suas formas embrionárias, pois nos jogos do século XIX que precederam o esporte moderno (classificação em que o futebol se encontra) a violência era tanta que há vários relatos da proibição da prática desses jogos pelos reis. A regulamentação e a criação do futebol em 1863 vieram da necessidade de regras universais para sua prática aquém dos costumes locais e, principalmente, para diminuir a violência encontrada nas práticas pré-modernas (DUNNING; CURRY, 2006).

2.4.1 Violência nos Estádios

Reis (2005) afirma que a violência encontrada no futebol carece de análises micro e macroestruturais. A microestrutural está nos fatores relacionados diretamente ao futebol, como a organização dos eventos. Já na perspectiva macro, encontram-se problemas sociais como a desigualdade, a pobreza e a má distribuição de renda, que ocorrem principalmente nos países do sul. Também, a autora cita que a violência relacionada ao esporte, no caso ao futebol, não pode ser dissociada da organização social que rege o mundo moderno desde sua institucionalização, que é o capital e uma sociedade industrializada.

Murad (2007) realiza uma análise da violência no futebol em alguns países e suas reações a este fenômeno, que segundo ele, a Inglaterra, país onde surgiu o futebol, merece

destaque. Os hooligans são ingleses violentos que manifestam, nos estádios e nas cidades onde ocorrem jogos de futebol, tem claros traços xenofóbicos e racistas, são adeptos da extrema direita política. Este movimento, segundo o autor, se expandiu para outros países da Europa e do Mundo, sendo comum o uso abusivo de bebidas alcoólicas e drogas entre seus integrantes. Para Murad (2007), um fato otimista e interessante é que, em vários países, os próprios torcedores pacíficos, baseados em ideologias esquerdistas, organizaram protestos e manifestações contra os hooligans e suas vertentes no mundo.

Reis (2006) relata, em sua pesquisa, estudos europeus sobre a violência relacionada ao esporte, principalmente ao futebol. Este que já foi considerado um problema local inglês hoje é encarado como uma questão de segurança pública em diversos países.

Segundo Murad (2007), a grande maioria dos torcedores brasileiros violentos não é integrante de torcidas organizadas de futebol, sendo os associados cerca de 5 a 7%. Entretanto, uma ramificação das torcidas organizadas é que requer mais atenção, por andar armada, com a intenção do conflito e, em muitos casos, pertencerem a outros segmentos prejudiciais à sociedade, como o tráfico de drogas e armas. Estes são acusados de serem responsáveis por tumultos entre torcidas de diferentes times, torcedores do mesmo clube e até mesmo, brigas na mesma torcida organizada. O autor afirma, em sua pesquisa, que os torcedores violentos do Rio de Janeiro têm:

Idade entre 14 e 25 anos; maioria de desempregados ou na “informalidade”; provenientes de quase todas as faixas de renda e escolaridade, em especial da chamada classe média baixa e da 5ª série do ensino fundamental à 2ª do ensino médio, embora haja universitários também; predomínio de homens, com 10% a 15% de mulheres; ligações com drogas, gangues, urbanas e o crime organizado a partir dos anos 1990; comunicação em rede, pela internet; treinamento em lutas marciais e uso de táticas militares (MURAD, 2007, p.35).

O cotejo desta descrição de Murad (2007) com a pesquisa de Martinelli (2007) aponta para uma relação entre os violentos e o treinamento em artes marciais. Ao ser perguntado por Martinelli (2007) sobre seu lazer, um sujeito diz que lê jornais todos os dias e pratica *hapkido*. Outro indivíduo também cita a prática de artes marciais no seu momento de lazer: “Lazer para mim é ir à torcida organizada, treinar muay thai e ficar com a família”. Ainda, sobre a descrição de Murad (2007), um entrevistado de Martinelli (2007) confirma alguns pontos

desta exposição dizendo que “*existem muitos bandidos, desempregados, pessoas que não estão nem aí com nada no meio da torcida e arrumam briga e confusão. Ali, eles esquecem da vida, usam drogas e bebem muito*”.

Outro aspecto ressaltado por Murad (2007) é a questão da liderança encontrada nos estádios de futebol, em que os chefes das torcidas possuem comportamentos diferentes dos outros torcedores e detém de maior responsabilidade, obtendo o reconhecimento dos associados que seguem os comandos e os exemplos desses líderes. O autor utiliza a classificação de Weber que divide a liderança em três categorias: a liderança elaborada por organizações instituídas; a organizada em uma base tradicional, de transferência de poder; e a carismática ou conquistada pelo heroísmo. Murad (2007) interpreta esses tipos de dominação e conclui que todos são encontrados no futebol atual. Mas o último tipo é o que chama mais a atenção nas arquibancadas, onde um torcedor assume a liderança de grupos momentaneamente e pratica ações violentas. Esse líder, não é necessariamente o chefe da torcida ou, às vezes, nem mesmo é torcedor.

Murad (2007) também menciona que, atualmente, as identidades estão cada vez mais dissociadas, concedendo, então, grande importância aos resquícios da cultura coletiva. Ainda, o autor se remete a Ribeiro (apud MURAD, 2007, p.13) que diz que “as pessoas podem ter identidade única, pelo menos durante 90 minutos. As pessoas têm certeza que estão incluídas, vêem seu pertencimento concretizado”. Esta questão de pertencimento do torcedor fica clara no relato de um entrevistado na pesquisa de Martinelli (2007), que, ao ser questionado sobre a razão de ser associado a uma torcida organizada, diz que é: “*Porque é a melhor forma de ajudar meu time. Como torcedores não podem jogar, gritar e pular nas arquibancadas são obrigações para o torcedor que quer ajudar seu time a vencer*”.

Vale ressaltar que a violência não é exclusividade do futebol, essa forma de manifestação ocorre em todos os esportes competitivos, mas é no futebol que se desenvolve com maior frequência e visibilidade, justificada pela magnitude que esse esporte possui em todo o mundo, o grande número de partidas e os ressaltados valores de masculinidade agregados à modalidade. Segundo Reis (2006, p.18):

Percebe-se, por um lado, que a violência está diretamente relacionada à crescente seriedade verificada nos esportes modernos (...) Assim como ao avanço da crescente identificação juvenil com ídolos e equipes de futebol, verificada principalmente em países como o Brasil, onde grande parte da

população jovem sofre pelas condições indignas de vida, pelo baixo nível educacional, pela desestruturação acelerada da instituição família vivenciada nas últimas décadas do século XX.

Em 1995, ocorreu a morte de um jovem durante uma briga generalizada entre torcedores do Palmeiras e São Paulo, conhecida como “Batalha Campal do Pacaembu”. Com isso, a mídia, os acadêmicos, as autoridades e a justiça brasileira passaram a ter maior preocupação com a violência nos estádios de futebol. Algumas medidas consideradas preventivas foram tomadas como a proibição da entrada de torcedores utilizando símbolos das torcidas organizadas no Estado de São Paulo, bandeiras e instrumentos de percussão. Também foi vetada a venda de bebidas alcoólicas dentro dos estádios. No campo acadêmico, foram realizados seminários e palestras, aumentando o número de publicações sobre o assunto (REIS, 2006).

Como já mencionado, pode-se encontrar vários tipos de violência. Segundo Reis (2006), existem vertentes que se apresentam mais frequentes nos estádios, como a violência classificada como racional, em que os autores desses atos planejam com antecedência o confronto, existindo contato físico ou não. Outra ramificação é a violência simbólica, que se caracteriza por não haver contato físico, diferente da violência física, a qual ocorre confronto e que é geralmente precedida da simbólica. Esta é representada por manifestações de torcedores geralmente através de gestos e de hinos das torcidas. Já a violência afetiva é um ato pensado e também demonstrado através da fala e do gesto. A autora ainda julga necessário um estudo das organizações responsáveis pela segurança das partidas para conhecerem o limiar entre a violência simbólica e física vivenciadas pelos torcedores.

Sobre a violência física, no trabalho de Martinelli (2007) foi perguntado a um torcedor se ele já havia participado de brigas. Ele respondeu: *“Briga, sim! Nossa torcida não é muito de briga. Na verdade só devolvemos, nunca começamos. Bater não digo, mas pedra e pau já taquei muito”*. Outro indivíduo disse: *“Não gosto de brigas, mas já participei quando vamos para outras cidades, onde as torcidas nos encurralam. Aí não tem mais o que fazer. Tem que ir pra cima, senão eles nos matam”*.

As violências afetiva e simbólica são bem demonstradas antes do início da partida, com as canções preparadas pelas torcidas com o intuito de ofender o adversário (REIS, 2005). Morato (2005) cita que para a torcida, o hino do adversário é uma agressão simbólica. Já

durante o primeiro tempo, Reis (2005) afirma que a violência afetiva se intensifica e esta depende muito do desempenho da equipe até a metade do jogo, ocorrendo agressões simbólicas direcionadas aos integrantes das equipes, policiais e árbitros.

2.4.2 A violência Simbólica

Murad (2007) considera que o primeiro tipo de violência encontrada no futebol foi simbólica e expressada pela desigualdade social e racial, reflexo de uma herança do colonialismo e escravidão, onde índios e negros foram excluídos e minimizados pelos brancos, que eram mais afortunados. Porém, através de acontecimentos sócio-históricos, esses desprivilegiados conseguiram uma ascensão no esporte, conquistando espaço e se destacando.

Reis (2005, p.112) define a violência simbólica como envolvendo “apenas atitudes verbais e/ou gestuais, sendo que normalmente ela é emocionalmente satisfatória e agradável, produzindo até mesmo um efeito catártico no indivíduo”.

A autora realiza uma análise sobre os cantos e rimas que as torcidas musicalizam nos estádios. Em alguns momentos desta manifestação, os torcedores elevam seus braços na diagonal, similar ao gesto do movimento nazista, como um exemplo de violência simbólica.

No trabalho de Martinelli (2007) há demonstrações dessa violência simbólica. Por exemplo, ao ser questionado sobre o que pensava sobre o torcedor adversário, um indivíduo citou uma canção da sua torcida organizada para ofender o rival, dizendo: “*Pará! Pará! Pará pra da porrada em Gavião! Gambá, vou te matar! Porco!*”. Já outro indivíduo disse que o torcedor adversário incomodava “*quando eles querem dizer que são maiores ou mais forte que nós. Isso sempre acontece*”.

Essa violência simbólica encontrada no futebol é comparada a uma guerra simbólica. No entanto, a guerra tem como objetivo direto eliminar o adversário, enquanto no futebol, tanto dentro como fora de campo, o adversário é imprescindível para dar continuidade a esse espetáculo, jogo, partida, ou, até mesmo, confronto (MURAD, 2007).

Sobre o perfil simbólico do futebol, Murad (2007) diz que o esporte moderno tem como função “exercitar a cidadania por intermédio do aprendizado simbólico de um controle material, que é constitutivo e estruturante do processo civilizatório: o limite da lei e o respeito ao “outro” (MURAD, 2007, p.146). A violência simbólica que cerca o futebol alivia as tensões para a violência no plano real. Ou seja, o futebol e outras modalidades do esporte moderno assumiram uma “dimensão civilizacional” (MURAD, 2007, p.146), pois faz com que o indivíduo utilize o plano simbólico para canalizar um conjunto de emoções acumuladas e não extravasar em contexto realista.

2.4.3 Violência Racional

“A violência racional é aquela em que os indivíduos, ou um determinado grupo, têm a intenção premeditada de provocar conflitos e gerar confrontos violentos através do uso da mesma, ou seja, quem a utiliza tem o objetivo de atingir” (REIS, 1998, p.58).

A autora cita como exemplo de violência racional o roubo de objetos das torcidas adversárias, como bandeiras, camisas entre outros e, posterior queima desses objetos simbólicos como já sendo um ato de violência simbólica. Martinelli (2007) demonstra em sua pesquisa um exemplo desse ato premeditado de violência, quando um entrevistado diz que: *“sensação de poder temos quando roubamos roupa, bombeta, bandeira, faixa das outras torcidas. Minha foto² é um agasalho que roubamos da Fúria Andreense (Santo André), nosso maior rival”*.

Outra ação classificada como violência racional é a constatação do uso da *internet* como meio de comunicação para agendamento de encontros entre torcidas rivais para um confronto. Este ponto é abordado com um maior enfoque no próximo capítulo.

² As entrevistas do trabalho de Martinelli (2007) foram realizadas por um programa de mensagens instantâneas via *internet*. A foto a que o entrevistado se refere é a foto de identificação do usuário.

2.4.4 O futebol e a não-violência

Segundo Reis (2006), pesquisas espanholas relacionam o vandalismo à ausência de uma prática esportiva ao longo da vida do indivíduo. Com isso, a autora cita a importância da atividade física e da Educação Física escolar para a formação de um cidadão, permitindo “uma análise crítica do esporte de alto rendimento de maneira tal que a ignorância não seja a responsável por um fanatismo” (Reis, 2006, p.33).

Murad (2007) defende a inclusão dos “jogos cooperativos”, diminuindo a competição na Educação Física escolar. Ainda, o autor releva a importância de projetos sociais e iniciativas de órgãos internacionais que utilizam o esporte, principalmente o futebol, como prática de formação da criança e têm como resultado uma diminuição da violência entre jovens. Essas formas de políticas públicas “provam que o futebol não só não é necessariamente violento, como tem sido muitas vezes um instrumento de paz e reeducação social” (Murad, 2007, p. 38). Por fim, o futebol possui uma linguagem universal no plano simbólico e, através dela é possível ações para a diminuição da violência.

O próximo capítulo é dedicado à tese de doutorado de Rocco (2006), descrevendo a ação dos torcedores no ciberespaço, um fato recente e necessita ainda de muitos estudos acadêmicos.

3 O CIBERESPAÇO

Com o avanço da tecnologia, a mídia passou a ocupar cada vez mais espaço e importância no cotidiano da sociedade, principalmente com o uso da *internet* como veículo de comunicação, a qual possui grande velocidade de informação e vem conquistando áreas destinadas anteriormente ao convívio social. Esta constrói comunidades virtuais, moldando o comportamento dos indivíduos e reflete o que ocorre na sociedade real, tanto por uma visão positiva, como os aspectos negativos (ROCCO, 2006).

Como isso, cria-se no âmbito societal um convívio de duas realidades: a vivida e a midiática. A realidade vivida nada mais é que aquela do contato direto, com trocas de cultura num plano real. Já a real midiática é a interação intermediada pela mídia, como a televisão, jornais, *internet*, entre outros. A mídia, em seu conteúdo passado, visa alcançar os gostos das massas, enfatizando a emoção, o desejo, as narrativas sentimentais, recursos que atraem o olhar dos espectadores. Com isso, deixa de lado o raciocínio e a reflexão, sem estimular o lado pensante do interlocutor. Porém, para Rocco (2006), a realidade midiática não consegue substituir o contato e o “estar junto”, com as infinitas possibilidades do real vivido.

Cria-se através da mídia a ilusão de um laço social entre pessoas com vivências e culturas bastante diferentes no seio da sociedade conflitiva. É a ficção da igualdade. Claro que existe aí uma troca simbólica entre o real midiático e o real vivido, entre o comum apesar dessa troca, a mídia não consegue fazer deste laço social simbólico uma referencia mais próxima do real vivido (ROCCO, 2006, p. 2).

3.1 Um pouco de história

Rocco (2006) cita que as primeiras torcidas de futebol surgiram na década de 1930, com os antigos torcedores-símbolos, que eram indivíduos que ficavam a frente das torcidas. Para ele, a torcida pioneira foi a Grêmio São-Paulino, fundada em 1939. Nesse início, as torcidas auxiliavam na arrecadação financeira dos clubes.

Na década de 1950, principalmente durante o governo de Juscelino Kubitschek, houve uma mudança nos hábitos, comportamentos e consumo dos brasileiros, conseqüentes da industrialização e urbanização e, com uma nova dinâmica de vida, a noção de tempo e espaço se alterou nas principais cidades do país. Nessa mesma época se iniciou no país uma forte ideologia nacionalista que se intensificou durante a ditadura militar, incentivando a busca da população por uma identidade nacional no futebol, diante do sucesso da seleção brasileira no exterior (ROCCO, 2006).

Com a evolução da tecnologia dos meios de comunicação e o crescimento da indústria cultural, viu-se no torcedor um consumidor em potencial. Como conseqüência, diversos ramos da mídia investiram no direcionamento para o futebol. Revistas especializadas, o cinema e a indústria fonográfica se entregaram à modalidade (ROCCO, 2006).

No entanto, quem mais obteve sucesso através do esporte foi a televisão. Segundo Cashmore (apud ROCCO, 2006, p.93), “se alguma vez houve algum casamento nos céus, foi entre a televisão e o esporte”. Rocco (2006) diz que a primeira Copa do Mundo a ter seu direito de imagem vendido foi a de 1966, na Inglaterra. Já a Copa do México, em 1970, teve grande importância no Brasil, pois foi a primeira a ser transmitida ao vivo e a cores.

A transmissão das partidas da Copa do Mundo em rede nacional teve implicações para o esporte. Primeiramente, na forma de jogar, em que algumas seleções, principalmente européias, praticavam o chamado “futebol força”, que é caracterizado por visar a vitória independente de lances bonitos. Por outro lado, existia o “futebol arte”, sendo o Brasil seu maior representante. Futebol este que dava preferência à beleza das jogadas e habilidade dos jogadores, porém, muitas vezes era criticado pela falta de objetividade. Também nas arquibancadas ocorreu uma preocupação inédita, com a “estética no ato de torcer” (ROCCO, 2006, p.90).

No entanto, foi na década de 1980 que o capital privado passou a investir fortemente no futebol, colocando suas marcas nas camisas dos clubes e exigindo resultado dos times. O futebol “deixou de ser uma atividade amadora e se transforma num “produto” (CASHMORE apud ROCCO, 2006, p.93).

A televisão também passa a injetar capital na modalidade, com emissoras lutando pelos direitos exclusivos de transmissão de campeonatos e interferindo no calendário e horários das partidas (ROCCO, 2006).

Segundo Rocco (2006), a televisão mudou o conceito de identidade, possibilitando diversas formas de manifestação, influenciando no comportamento do indivíduo. Kellner, citado por Rocco (2006) diz que as mídias eletrônicas “oferecem uma enorme quantidade de posições de sujeito, que, por sua vez, ajudam a estruturar a identidade individual” (KELLNER apud ROCCO, 2006, p.98).

Nas décadas de 1970 e 1980, as torcidas organizadas iniciaram seu processo de crescimento. Originadas de cultura popular de bairros, com o intuito de uma inserção social entre os amigos reunidos para assistir às partidas e apoiar o clube pelo qual torciam, viabilizando uma interação social a qual esses indivíduos nunca participaram em outros segmentos da sociedade com um sentimento de pertencimento e buscando sair do anonimato (ROCCO, 2006). Ou seja,

Marginalizados do mercado, com poucas opções de lazer, as camadas excluídas da sociedade de consumo, os habitantes da periferia, encontram nas torcidas organizadas sua principal fonte de abrigo, um lugar onde, com certeza, existiam e eram *alguém*. Nesse sentido, construíram em torno delas as suas identidades (ROCCO, 2006, p.106).

Sobre esse aspecto, Martinelli (2007) mostra em sua pesquisa esse sentimento de pertencimento no relato dos entrevistados. “*Eu vou ao estádio para ajudar meu time a vencer. Sei que meu grito é muito importante*”, diz um entrevistado. Já outro torcedor diz que é associado a uma torcida organizada pois isto faz com que ele se sinta parte do time em campo.

A ascensão das torcidas organizadas deu-se devido à uma redistribuição nos estádios, sendo que os torcedores populares passaram a ocupar as arquibancadas, enquanto alguns mais privilegiados, foram para lugares mais confortáveis. Com isso, segundo Pimenta, citado por Rocco (2006), as torcidas passaram a fazer parte do espetáculo, com bandeiras, coreografias e faixas. Rocco (2006) cita que nesse início, a mídia apoiou o crescimento das torcidas organizadas de futebol, pois um jogo sem torcida, além de parecer fora de seu contexto natural, dava a impressão de não ter relevância. Este apoio dos meios de comunicação incluiu repórteres acompanhando caravanas e resenhando sobre as viagens e partidas.

As torcidas tiveram grande importância durante o governo militar, principalmente a Gaviões da Fiel, maior torcida do Sport Club Corinthians Paulista. Isto porque os torcedores tomaram as ruas novamente para comemorar títulos, fato que não acontecia com

muita freqüência, diante de tamanha repressão dos militares. Entre os torcedores da Gaviões, havia manifestações favoráveis a democracia, tanto do clube, como do país (ROCCO, 2006).

Rocco (2006) diz que, com o passar do tempo, as torcidas organizadas de futebol passaram a ser instituições com regulamento, registro e, teoricamente, sem fins lucrativos. Estas herdaram algumas culturas jovens da década de 1960, como a “revolta contra regras sociais e desprezo pelas autoridades” (PIMENTA apud ROCCO, 2006 p.111). Assim, muitas torcidas organizadas aderiram à violência deste estilo de vida (ROCCO, 2006).

Desde então, a mídia em geral responsabiliza as torcidas organizadas pela violência que ocorre dentro e fora dos estádios envolvendo espectadores de futebol. No entanto, há uma espetacularização da violência pela mídia que maximiza o que de fato ocorre, fazendo com que o torcedor, aquele que não possui nenhum tipo de associação, prefira o conforto de sua casa (ROCCO, 2006).

3.2 O ciberespaço

Segundo Rocco (2006), esse desenvolvimento do conhecimento tecnológico permitiu a existência, dentro do real midiático, de uma nova dimensão social caracterizada pela simultaneidade dos milhares de computadores interligados, derrubando barreiras geográficas, e pela transformação da informação, como imagens e sons, em códigos binários³. Isto permitiu uma circulação, até pouco tempo atrás, inimaginável e para essa nova dimensão deu-se o nome de ciberespaço. Esse nome que, segundo Lemos (apud ROCCO, 2006) foi utilizado pela primeira vez pelo autor William Gibson, em uma ficção científica chamada “*Neuromancer*”, em 1984.

Essa nova dimensão não anula as demais já existentes e sim, relacionam-se entre si, sofrendo interferências e influências mútuas. Seus pontos, em todo o mundo, crescem exponencialmente, baseando-se numa cooperação anarquista. Com isso, são inevitáveis os interesses mercadológicos diante de tantos acessos à rede mundial de computadores. Porém, as vontades da vertente capitalista não podem ser estruturais no ciberespaço, pois, com a *internet*

³ Linguagem utilizada para o computador interpretar dados, possibilitando a transferência destes de um computador para outro.

voltada para o mercado, diminui-se o potencial que existe neste espaço para a disseminação de novas culturas (ROCCO, 2006).

Portanto, a arquitetura em processo de formação do ciberespaço depende de debates entre especialistas e usuários, visando a democratização dessa dimensão cultural, com o acesso universalizado, o compartilhamento da produção intelectual e interação entre grupos sociais. Esse espaço destinado ao trabalho, comunicação e pensamentos humanos deve possuir uma perspectiva coletiva, buscando não ser mais uma área de reprodução da desigualdade encontrada na sociedade (ROCCO, 2006).

3.3 Comunidades

Rocco (2006) cita que o caráter comunitário sempre esteve presente no futebol que, no início do século XIX, era intermediado pelo jornal e a partir da metade deste século, o principal mediador foi o rádio. Assim, com o auxílio dessa mídia tradicional, o futebol ganhou um caráter de identificação nacional no Brasil, que se iniciou no Estado Novo e se potencializou na ditadura militar. Nação, segundo Gomes e Freitas, citado por Rocco (2006) é quando ocorre um sentimento de pertence comum entre um grupo, embora não haja afinidades entre os integrantes.

No início do futebol no Brasil, nos campeonatos amadores, os clubes e seus respectivos torcedores se identificavam com as comunidades estrangeiras que habitavam a cidade de São Paulo no início do século XX. A repercussão dos jogos se limitava à circulação dos jornais locais. Porém, com o profissionalismo do futebol, a ascensão do rádio e, posteriormente, da televisão, causaram uma massificação do futebol e conseqüente globalização do esporte, com o surgimento, no final do século XX, dos clubes transnacionais, que possuem torcedores em vários locais do mundo.

Giulianotti (apud ROCCO, 2006) ainda diz que os torcedores formam uma comunidade imaginária, em que os indivíduos podem nunca se encontrar, porém persiste o sentimento comunitário entre eles.

3.3.1 Comunidades Virtuais

Segundo Recuero, citado no trabalho de Rocco (2006), “Comunidade virtual seria o termo utilizado para os agrupamentos que surgem no ciberespaço, através da comunicação mediada pelas redes de computadores” (RECUERO apud ROCCO, 2006, p.15). Então, o tempo, o sentimento em comum, as afinidades de interesses e a ausência de um território no plano físico são as principais características dessas comunidades, sempre mediadas pela tecnologia da *internet* (ROCCO, 2006).

As comunidades *online* requerem uma grande dedicação, tanto financeira quanto pessoal, de seus mediadores, denominados de promotores. Estes são responsáveis pela manutenção da ética estipulada pela comunidade, com o cuidado de agir conforme as necessidades dos integrantes.

Para Rocco (2006), um dos motivos para a grande adesão às comunidades virtuais é o fato de, diante da sociedade capitalista, os indivíduos estarem passando por uma crise de identidade. Isto é, até poucos anos atrás o trabalho era o mesmo durante toda a vida, com cada um ocupando um espaço determinado, ocorrendo uma grande diferenciação de gênero e idade. Atualmente, o indivíduo necessita viver em constante mudança, transformando-se, o que o constitui em uma identidade instável. Assim, com a velocidade de transmissão de informação e a ampla possibilidade de adquirir novos conhecimentos e culturas que a *internet* oferece, este indivíduo tem nas comunidades virtuais um grande auxílio para estas transformações.

Outro fator citado por Rocco (2006) seria o sentimento de pertencimento que o ser humano possui de estar inserido em um grupo. Sobre esse aspecto, Martinelli (2007, p.8) diz que:

Segundo Lane (2002), a necessidade de participar de um grupo é algo que nasce com o indivíduo e cresce com o passar do tempo. Os grupos com que uma pessoa convive interferem integralmente no seu modo de agir, sendo sua individualidade fruto das informações recebidas desses grupos que são, por exemplo, a família, os amigos, os colegas de trabalho, organizações religiosas e associações de torcedores.

Além disso, a memória do grupo é fundamental para a existência da comunidade, pois ela relata as histórias e os fatos ocorridos durante sua existência (ROCCO, 2006).

Um ponto assinalado por Rocco (2006) é o surgimento da cultura *hacker*, conseqüência do alto nível de desenvolvimento tecnológico. Os *hackers* são adeptos de uma filosofia de liberdade, isto é, “liberdade de acesso à sua tecnologia e a de usá-la como bem entenderem” (ROCCO, 2006, p.16).

3.4 Torcidas Virtuais

As torcidas virtuais são uma ramificação das comunidades virtuais relacionadas ao futebol. Com isso, os torcedores integrantes deste tipo de comunidade *online* têm a sensação de participar ativamente no rumo e na história do clube do coração, em um território que não pode ser apropriado por nenhuma pessoa. Os *sites* sobre futebol potencializam a extensão que o jogo possui na sociedade, oferecendo espaço para as torcidas expressarem suas opiniões e emoções (ROCCO, 2006).

Uma característica encontrada nas torcidas virtuais é a “confiança ao quadrado”, termo denominado por Rocco (2006). Isso demonstra que a confiança e o companheirismo, já existentes nos estádios, são ampliados no ciberespaço. Outro ponto é o anonimato, presente nas torcidas organizadas de futebol durante as partidas e que no real midiático é deixado de lado. Os internautas, na maioria das vezes, se identificam nos *sites* ao se manifestarem.

Rocco (2006) apresenta três tipos de *websites* relacionados às torcidas virtuais. Primeiramente, encontra-se o *site* oficial do clube, que relaciona o futebol em uma perspectiva mais mercantil, utilizando o portal da *internet* para vender produtos e ingressos, utilizando da paixão do torcedor pelo clube para lucrar vendendo a imagem e os símbolos do time.

O segundo tipo de portal sobre o futebol são os *sites* oficiais das torcidas organizadas de futebol. Estas possuem o objetivo de informar os associados dos eventos e, comparado aos *sites* oficiais dos clubes, esses possuem interesses mercadológicos para o sustento

da torcida. Também, encontra-se o intuito de dominar espaços públicos, como avenidas e metrô, planejando ações através desses *sites* (ROCCO, 2006).

A terceira espécie de *site* são os não-oficiais dos clubes, que, na contra-mão das outras variações, não possuem interesses de venda, sendo um campo para a participação dos torcedores, com debates e discussões de idéias. O mediador dessa comunidade virtual dispõe, geralmente, de um grande esforço para dedicar tempo e também para conseguir recursos financeiros, buscando abordar os assuntos do clube em uma perspectiva jornalística. A recompensa dos participantes é terem suas opiniões reconhecidas pelo restante do grupo ou lançarem uma notícia antes dos veículos de comunicação (ROCCO, 2006).

Encontra-se nas torcidas virtuais um objetivo de proteção para o participante. No caso dos *sites* oficiais dos clubes, os integrantes possuem proteção econômica, com serviços oferecidos exclusivamente para os internautas que consomem pelo *site*. No trabalho de Martinelli (2007), um entrevistado, ao ser perguntado sobre a razão de ser associado a uma torcida organizada, diz que “*Resolvi me filiar, primeiramente para ter descontos em produtos, festas e caravanas da torcida e também para ajudar a Gaviões*”. Já nos portais das torcidas organizadas, os integrantes podem adquirir proteção política, ou seja, espaços nos estádios e uso da violência a seu favor caso necessário. Portanto, através do consumo, o torcedor é retribuído por ramificações de poder, político, territorial ou de facilidades de consumo Rocco (2006).

Através da *internet*, nos *websites* e no *sites* de relacionamento, as torcidas organizadas passaram a se comunicar e alguns indivíduos chegaram a agendar confrontos bélicos via *internet*. Esse movimento se iniciou com os *hooligans* da Europa e, há poucos anos, chegou ao Brasil (ROCCO, 2006). Sullivan diz que a violência que antes era espontânea agora passou a ser “cuidadosamente coordenada e orquestrada” (SULLIVAN apud ROCCO, 2006, p.115). A *internet* passou a ser também um meio para os indivíduos relatarem seus conflitos e atos de vandalismo, estimulando a violência através da rede mundial de computadores e enaltecendo seus atos vistos por eles como heróicos. Um exemplo da utilização da *internet* para o contato entre as torcidas organizadas de futebol encontra-se em um relato de um entrevistado de Martinelli (2007) que diz: “*Não gosto dos torcedores rivais que “agitam” na internet e na hora da briga ficam com medo*”.

Com isso, surgiu o *cyberhooligan* que são “torcedores que utilizam sua habilidade de manipulação da tecnologia para estimular a violência entre diversos agrupamentos

organizados de torcedores de futebol” (ROCCO, 2006, p.116). Os *cyberhooligans* são considerados como uma subcultura dos *hackers*, porém, estes últimos são indivíduos que tentam desvendar códigos, criar programas entre outros, enquanto os *cyberhooligans* apenas criam “ferramentas necessárias para que seus torcedores possam conviver no ambiente do ciberespaço” (ROCCO, 2006, p.119). Como nas arquibancadas, a estética dos *sites* possui grande importância para os torcedores, sempre querendo superar os adversários, buscando possuir o melhor *website*.

Os torcedores que utiliza a *internet* para exporem suas idéias agressivas de liberdade e relatarem seus atos de violência são denominado *cyberpuncks*. Segundo Lemos, citado por Rocco (2006), o *cyberpunck* é “uma emergente subcultura jovem, fusionando autoritarismo *punk* com amor pelas tecnologias de ponta” (LEMOS apud ROCCO, 2006, p.198).

Rocco (2006) relata um exemplo da ação dos *cyberpuncks*, quando o São Paulo Futebol Clube consagrou-se campeão da Copa Libertadores da América, no dia 14 de julho de 2005. Os torcedores, como de costume na cidade de São Paulo, foram à Avenida Paulista celebrar a conquista. Porém, aconteceram atos de vandalismo, como depredação de carros, roubos em lojas e confronto com a Polícia. Após este acontecimento, foram encontrados vários relatos no *site Orkut*. Este é um *site* de relacionamento, com mais de 6 milhões de usuários, sendo 71,92% brasileiros. Rocco (2006, p.155) cita um exemplo da fala de um torcedor neste *site*: “Tinha é que saquear tudo mesmo. Eu mesmo saqueei umas três bancas... To cheio de DVD, revista, cigarro. E o que importa é que somos tri”. Os torcedores, na comunidade da Independente, assumiram atos de vandalismo, justificando-se pela ação da polícia e pela conquista do título.

Augé, citado por Rocco (2006) que os encontros agendados na *internet* são realizados em lugares públicos, denominados por ele de os “não-lugares” devido à ausência de uma sociedade orgânica e o constante fluxo de pessoas, que não se identificam ou se localizam. Por fim, Rocco (2006) afirma que “não poderia haver melhor lugar para atitudes violentas dos torcedores organizados do que os não lugares” (ROCCO, 2006, p.157). Portanto, essa disputa de território entre as organizadas, não ocorre apenas nos arredores dos estádios, e sim nos lugares públicos e, atualmente, na *internet*.

3.5 *Websites* das Torcidas Organizadas de Futebol do Estado de São Paulo

Rocco (2006) monitorou em sua pesquisa de doutorado os *sites* das quatro maiores torcidas do estado de São Paulo, analisando toda a movimentação dos torcedores, atualizações, conteúdos e informações que os *sites* dispunham. As torcidas são a Mancha Alviverde, torcida da Sociedade Esportiva Palmeiras; Gaviões da Fiel, do Sport Club Corinthians Paulista; Torcida Independente, do São Paulo Futebol Clube; e Torcida Jovem do Santos Futebol Clube.

Percebe-se, nos *sites*, que há uma grande área dedicada às escolas de samba das torcidas, principalmente da Gaviões da Fiel e da Mancha Alviverde, que são escolas de grande expressão no carnaval paulista. O carnaval tem mais espaço, muitas vezes, que o futebol nos portais das agremiações. Para Rocco (2006), essa dedicação ao carnaval é uma busca de maior aceitação da sociedade das temidas torcidas organizadas, baseada na sua capacidade de realizar um grande espetáculo, em que a violência é “contida ou transcendida pela festa” (ZALUAR apud ROCCO, 2006, p.177).

Outro ponto encontrado nos *sites*, segundo Rocco (2006), foi a constante menção à violência, geralmente direcionadas aos associados de torcidas rivais, aos denominados por Toledo (1996) “torcedores comuns” e às autoridades. Sobre a violência, Rocco (2006) considera como uma justificativa o status social do chamado malandro, que tem disposição para brigar, diferente do otário, que é menos esperto. Ou seja, o torcedor, em sua maioria jovem (MURAD, 2007), busca o *status* bandido, possuidor de um poder simbólico, agredindo verbalmente o espectador, visto por ele como uma pessoa que não está disposto a defender a honra do seu clube.

Segundo Rocco (2006), uma característica que chama a atenção nos *sites* das organizadas é a falta de conteúdos e informações, tanto cotidianas como históricas, dos clubes que as inspiraram, sendo difícil encontrar qualquer informação sobre futebol. Isso demonstra que a identificação dos torcedores com as torcidas organizadas é muito maior que a identificação com os clubes para os quais torcem. Também, pode-se dizer que uma justificativa para o baixo índice de conteúdo informativo sobre os clubes é um sinal da falta de participação ativa e representatividade dos torcedores na vida desses clubes.

Rocco (2006) afirma também que com o futebol cada vez mais mercantilizado, os torcedores pertencentes às classes sociais menos favorecidas são deixados de lado e vêm nas organizadas, uma oportunidade de acolhimento.

Por fim, Rocco (2006) constatou que nos *sites* oficiais das organizadas encontram-se páginas muito bem estruturadas para a venda de produtos com os símbolos das torcidas. O usuário pode realizar compras *online*, utilizando o cartão de crédito e até parcelar o valor. Esta estrutura não ocorre nos *sites* oficiais dos clubes de futebol e é interessante notar que existe mais diversidade de produtos nos *websites* das torcidas organizadas.

No próximo capítulo encontram-se pontos levantados da dissertação de mestrado de Luccas (1998), em que o autor realiza uma análise sobre as torcidas organizadas pautada na teoria da psicanálise.

4 As Torcidas Organizadas de Futebol do Ponto de Vista da Psicanálise

Este capítulo é baseado na dissertação de mestrado feita por Luccas (1998) em que o autor analisa o fenômeno das torcidas organizadas de futebol e seus associados em uma perspectiva psicanalítica, utilizando principalmente de textos de Freud e da sociologia. O autor observou uma escassa literatura do ramo da psicologia sobre este tema. Encontra-se também uma crítica à falta de trabalhos acadêmicos voltados para o futebol em si. E quando estes existem são vinculados à violência.

4.1 Referencial Teórico da Psicanálise

Segundo Laplanche e Pontalis no livro *Vocabulário da Psicanálise* (2004, p. 384 e 385) a psicanálise é definida como:

Disciplina fundada por Freud (...) que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito. Este método baseia-se principalmente nas associações livres do sujeito, que são a garantia da validade da interpretação.

Ou seja, a psicanálise analisa o sujeito através da dominância do inconsciente sobre ele. Sujeito este marcado pela ambigüidade, caracterizada por uma falsa racionalidade que dá a idéia de que o indivíduo é o próprio autor de sua história. O inconsciente, conflitivo entre a vida e a morte, tem a necessidade de ser ouvido. A psicanálise pensa, também, as questões sociais e considera que estas e as questões individuais são muito próximas, não podendo ser desvinculadas (FIGUEIREDO apud LUCCAS, 1998).

Dois princípios fundamentais da psicanálise são ressaltados por Luccas (1998, p. 83), que são:

O *Édipo* é o complexo nuclear do sujeito, complexo de relações estabelecidas com o grupo significativo, familiar ou não, que estrutura o psiquismo em torno da violência dos sentimentos de amor e ódio frente aos objetos que se lhe oferecem. A *Castração* se refere à experiência socializante. Surge como um movimento vital na experiência edipiana em que o sujeito se defronta com uma autoridade que lhe restringe possibilidades de acesso aos objetos de desejo.

Segundo Luccas (1998), esses dois fenômenos são fundamentais na forma como o indivíduo se relacionará com seus familiares, amigos, colegas, grupos, entre outros. Enfim, o *Édipo* e a *Castração* são primordiais na atuação do sujeito na sociedade.

Outro conceito importante para a compreensão do tema ora estudado é o de ambivalência. Ambivalência é entendida como a “presença simultânea, na relação com um mesmo objeto, de tendências, de atitudes e de sentimentos opostos, fundamentalmente o amor e o ódio”. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004, p.17).

Luccas (1998) realiza a revisão de quatro obras de Freud que dão ênfase ao convívio social e visão psicanalítica dos grupos. São elas *Totem e Tabu* (1913), *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921), *O Futuro de uma Ilusão* (1927) e *O Mal-estar na Civilização* (1930).

Em *Totem e Tabu*, segundo Luccas (1998), Freud analisa uma tribo de primitivos, buscando assimilar as características desses povos aos neuróticos. Por neurose entende-se ser um conflito psicológico, com origem na infância, que trazem situações de angústia e ansiedade, podendo se tornar uma patologia (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004). O totemismo equivale a uma organização de ordem religiosa e social e consiste na divisão em grupos, nomeados de acordo com o totem adotado (geralmente um animal ou, às vezes, um vegetal). Este totem funciona como guardião do grupo, oferecendo segurança e, em troca, nunca se matava ou se destruía o totem, sempre reverenciado (LUCCAS, 1998).

Segundo Luccas (1998), a primeira particularidade abordada por Freud é a exogamia, que consiste na proibição de relações sexuais entre pessoas do mesmo totem, que pode se aproximar de uma característica infantil encontrada nos neuróticos. A criança possui uma atração incestuosa pela mãe, no caso de um menino ou pelo pai, no caso de uma menina. Com o crescimento, ela se liberta dessa fascinação, porém, o neurótico geralmente falha na libertação desse desejo ou retorna a possuí-lo, regressando seu desenvolvimento. “Neurose é a preponderância dos elementos sexuais sobre os elementos instintivos sociais” (FREUD apud LUCCAS, 1998, p. 92).

Já a palavra tabu possui um significado ambíguo. Por um lado é sinônimo de “sagrado”, “consagrado”. Em outro aspecto, é sinônimo de “proibido”, “perigoso”, “impuro” (LUCCAS, 1998). Os tabus do totêismo foram os primeiros sistemas penais da humanidade, delimitando a liberdade do indivíduo. O tabu era aceito naturalmente e suas proibições não eram contestadas devido ao medo dos poderes mágicos punitivos, como sugeriam as histórias que se contava de pessoas que infligiram às regras. Luccas (1998) cita que nesse ponto existe uma grande semelhança entre a neurose e o tabu:

Os sintomas da neurose obsessiva coincidem com a prática do tabu em pelo menos quatro aspectos fundamentais, são eles: a ausência de motivos racionais às proibições, a existência de uma necessidade interna e inconsciente que sustentam estas proibições, os fatos do contágio e do deslocamento e a realização de atos cerimoniais. A neurose obsessiva surge a partir de um desejo infantil que é reprimido e banido para o inconsciente porque há uma proibição para sua realização. A persistência da proibição e do instinto cria uma fixação psíquica, da qual decorre uma atitude ambivalente o sujeito frente ao objeto. A proibição permanece consciente e o desejo persiste no inconsciente. O conflito entre estas duas forças produz uma necessidade de descarga, que se torna a razão para a realização dos atos obsessivos. Os atos obsessivos são, assim, tentativas de expiação, provas de remorso e atos substitutivos visando compensar o que foi negado ao instinto (LUCCAS, 1998, p.88).

Segundo Luccas (1998), o tabu era sempre direcionado contra os estrangeiros. Os inimigos, que tentam matar indivíduos da tribo, são estrangeiros em relação ao grupo. Os mortos, que se sentem no direito de vingança, são estrangeiros à vida. Já o líder, que julgam as ações dos integrantes da tribo, é estrangeiro em relação ao grupo, por possuir um diferencial do restante.

Freud conclui que “as origens da civilização, da moral, da religião, convergem todas para o complexo de Édipo, para o complexo de Castração e para a ambivalência emocional” (FREUD apud LUCCAS, 1998, p.98). Ainda, segundo este, Freud diz que o controle dos extintos humanos, reprimindo-os, foi a principal razão para a evolução da civilização. Nesta, a religião, os credos e as imposições possuem grande importância, pois obrigam o sujeito a reprimir seus desejos inconscientes.

Para Luccas (1998), no livro *Psicologia de Grupo e Análise de Ego*, Freud busca uma análise da psicologia individual, da psicologia de grupo e sua conectividade. O autor

defende a idéia de que não existe diferença entre esses dois campos da psicologia. Isto porque as relações de amor e ódio são ambivalentes.

Para Freud, um grupo se forma do pressuposto que há um interesse em comum entre seus membros, que se torna um elo de ligação entre eles. No grupo, o sujeito é detentor de um nível menor de repressão aos seus instintos inconscientes, rebaixando o lado racional das suas ações. “Isolado, pode ser um indivíduo culto; numa multidão é um bárbaro, ou seja, uma criatura que age pelo instinto. Possui espontaneidade, a violência, a ferocidade e também o entusiasmo e o heroísmo dos seres primitivos” (FREUD apud LUCCAS, 1998, p.101).

Nesse aspecto, Luccas (1998) cita que o grupo está sempre diante de situações que podem mudar o indivíduo, não importando nem mesmo o interesse pela sua autopreservação. Existe um sentimento de onipotência, inspirado pelos seus líderes, sempre exigidos pelos membros. Ainda, há a constante busca pela preservação da tradição (LUCCAS, 1998).

Luccas (1998) apoiado em Freud apresenta cinco condições para um grupo organizado existir:

- a) existência de um certo grau de continuidade na vida do grupo;
- b) consciência clara da natureza, funções, composição e capacidades do grupo para que seja possível que cada membro desenvolva alguma relação emocional com o grupo;
- c) necessidade do estabelecimento de fronteiras (através de rivalidade) com outros grupos;
- d) o grupo deve possuir tradições e hábitos que determinem as relações entre seus membros;
- e) finalmente, e) o grupo também deve possuir estrutura definida, sendo que esta deve ser expressa pela especialização e diferenciação das funções de cada um dos seus membros (LUCCAS, 1998, p. 103).

Com isso, Freud propõe que alguns desejos sexuais dos indivíduos são desviados para outros objetivos, como o de afirmação do grupo. Com isso, conclui que as relações amorosas são um princípio básico de um grupo. O líder é uma figura que dissemina o amor homogeneamente, como substituto do pai dos membros, ocorrendo, na organização, dois laços libidinais: entre seus membros e entre os membros e o líder (LUCCAS, 1998).

A figura do pai é relembrada no ponto em que se destaca a questão da identificação. O filho se identifica com o pai, querendo ser como ele. Isto porque ele deseja ter o que o pai possui: a mãe. A figura do líder é semelhante, pois o sujeito se identifica com este, visando ser como ele (LUCCAS, 1998).

A conclusão desta obra, de acordo com Luccas (1998), é que o “sujeito é estuturado a partir das identificações que realiza com seus diversos outros: modelos, objetos, apoios adversários” (LUCCAS, 1998, p.113). Com isso, não se pode separar a psicologia individual da social.

No livro *O Futuro de uma Ilusão*, segundo Luccas (1998), Freud analisa a civilização a partir de sua origem, desenvolvimento e futuro que acredita para ela. O autor considera como civilização o que difere os humanos da organização dos animais, como o conhecimento sobre a natureza e sua utilização para seu benefício.

Freud analisa as renúncias instituídas que a civilização impõe ao homem, ou seja, a anulação dos instintos naturais que o indivíduo é obrigado a realizar através da frustração por não obter o objeto de desejo; da proibição como a do canibalismo, incesto e de matar; e da privação, que se divide em privação para todos e privação para alguns. A privação para todos são regras impostas pela sociedade desenvolvida e que não há exceção para as suas aplicações. Já a privação para poucos consiste na idéia de que algumas pessoas são beneficiadas e não necessitam seguir alguns preceitos que a maioria da população se submete (LUCCAS, 1998).

Para fugir destas determinantes do êxito da civilização, o autor diz que o sujeito busca a satisfação nas realizações artísticas, contribuindo para um contentamento narcisístico. Freud cita também que o uso da religião como amparo para os medos diante dos perigos que cercam o homem, como a força da natureza. Porém, ele afirma ser possível suportar as dificuldades da vida sem auxílio das doutrinas religiosas, utilizando a inteligência como forma de controle dos instintos humanos (LUCCAS, 1998).

Luccas (1998) cita que no livro *O Mal-Estar na Civilização*, Freud afirma que os homens direcionam suas forças para obtenção da felicidade, isto é, buscam toda a vida por evitar sensações de sofrimento e obter momentos de prazer. De acordo com Luccas (1998), o sofrimento, para Freud, é apenas uma sensação que existe devido à forma de regulação do organismo. O autor cita que existem duas formas do ser humano fugir do sofrimento, que são: o uso de substâncias tóxicas, que alteram as composições do corpo; e pela satisfação através da arte, da religião, das ilusões, da cultura e, principalmente, do amor. Este, tomado por Freud como um princípio fundamental para a civilização.

Ainda neste texto, Freud toma a agressividade como fator perturbador das relações sociais, exigindo que a civilização foque sua atenção para o controle dos impulsos do

homem, elaborando limites para este instinto de destruição e evitando a degradação da sociedade (LUCCAS, 1998).

4.2 Relação Entre a Psicanálise e as Torcidas Organizadas de Futebol

A partir do referencial teórico da psicanálise (Freud) sobre as relações dos grupos, pode-se relacionar dados abordados pelo autor com os torcedores organizados de futebol.

Luccas (1998) afirma que o futebol mostra-se como um segmento de igualdade, em que todos podem competir com chances similares, assim como é a sociedade capitalista. Porém, para ele isto é uma ilusão desmentida ao reparar que poucos clubes possuem boas condições para a vitória e menos de 10% dos jogadores conseguem se firmar como profissionais.

O esporte passa a imagem de ser uma atividade de lazer barata, escondendo por trás desta simplicidade todo o abuso de poder e relações escravocratas que possui. Realmente, segundo o autor, os jogadores são os escravos do século XX, escravos da ilusão que gira em torno do futebol de uma ascensão social repentina.

Ainda no campo da ilusão, Luccas (1998) cita que a paixão clubística é algo ilusório, assim como a religião, necessária para o indivíduo ser aceito na sociedade brasileira. Para ele, a escolha do time, na realidade, não é uma escolha e sim uma imposição dos familiares, sendo que o sujeito não tem opção, a não ser de torcer pelo time pré-determinado pela família. Caso contrário há uma ameaça de rejeição por parte dos parentes. Porém acredita-se que a relação pode não ser tão impositiva assim, podendo ocorrer escolhas clubísticas distintas das “herdadas”, mas reconhece-se que há dificuldades iniciais para a aceitação dos membros masculinos da família.

Fica claro na pesquisa de Martinelli (2007) a influência da família para a opção pelo clube. Um indivíduo disse que a admiração pelo clube passou de geração a geração: *“Meu avô levava meu pai ao estádio. Depois meu pai passou a me levar aos jogos. Hoje vou sozinho e pretendo levar meus filhos e netos”*. Outro entrevistado faz o seguinte relato: *“Saí da maternidade com o macacãozinho do Corinthians, ouvia o hino antes de dormir e, quando estava começando a falar, ficava cantando com minha mãe”*. Ainda, um terceiro indivíduo disse que ia

desde pequeno à sede da torcida Mancha Verde com seus primos e que “*não tinha como eu torcer por outro time a não ser o Palmeiras*”.

4.3.1 Indivíduo e o Grupo

Como já mencionado, não se pode separar a psicologia social da análise do indivíduo. No futebol, encontram-se os ideais de sucesso, os valores de força, coragem e disciplina. Estes são valores que o indivíduo procura por toda sua existência, porém, são raramente conquistados no esporte (LUCCAS, 1998).

Segundo o autor, as Torcidas Organizadas de Futebol não defendem valores distintos do restante da sociedade. “A coragem, o poder, a submissão dos outros estão presentes como valores na sociedade capitalista” (LUCCAS, 1998, p. 209). Passar por cima do próximo, a aspiração do sucesso a qualquer custo são características da sociedade de mercado e se refletem no futebol atual.

Como já foi citado por Luccas (1998), pautando-se em Freud, o indivíduo procura insistentemente, durante toda vida, obter a felicidade. E isto é, em outras palavras, uma busca por momentos de prazer e uma fuga do sofrimento que lhe cerca no cotidiano. Esta tentativa de não sofrer pode ser concretizada de duas formas, que são utilizar substâncias tóxicas ou se satisfazer por meio da arte, da cultura ou do amor. A procura pela felicidade, então, pode-se facilmente ser relacionada ao futebol, em que o torcedor busca a vitória do clube para conquistar o prazer e se distrair do sofrimento que existe no seu cotidiano. Vale lembrar que, como já mencionado, ocorre um uso abusivo do álcool e outras substâncias ilícitas nos dias de jogos.

Diante deste conceito de Freud sobre o objetivo do indivíduo em alcançar a felicidade, Martinelli (2007) demonstra, com os relatos dos entrevistados, exemplos desta busca por situações de prazer, com um indivíduo que disse que a “*vitória é demais. Parece que o coração vai explodir*”. Outro sujeito expõe que “*a sensação de uma vitória é maravilhosa, não tem como explicar, só sentindo mesmo*”.

Luccas (1998, p.209) diz que o grupo “oferece laços libidinais, elos de ligação que favorecem o sujeito isolado em sua busca pelos ideais de inserção na sociedade, em sua

busca de pertinência e partilha”. Portanto, o indivíduo vê na Torcida Organizada uma oportunidade de inserção social, através de um objeto de amor que é o clube pelo qual torce. Também, encontram-se entre os motivos para pertencer a uma Torcida Organizada a companhia para ir aos jogos e a vontade de participar da festa que essas associações promovem dentro e fora dos estádios (LUCCAS, 1998). Este aspecto também fica claro quando um entrevistado na pesquisa de Martinelli (2007) justifica ser associado a uma torcida porque *“o pessoal é muito unido. Antes dos jogos sempre nos reunimos com churrasco”*. Outro sujeito disse que *“A Mancha Verde é a torcida mais vibrante, não se cala nenhum minuto e incentiva muito o time. Não somos apenas uma torcida, somos uma família”*.

A relação entre os torcedores é muito familiar, de companheirismo e compaixão. Geram amizades que duram por muito tempo. Há um grande sentimento de segurança dentro do grupo, diante do caráter de união. Como cita Freud, uma característica de um grupo é do indivíduo deixar de lado seu egoísmo, esquecendo a preocupação apenas com ele próprio e realizar atos altruístas, visando o benefício do seu grupo (LUCCAS, 1998).

Outro ponto a ser abordado é a questão da liderança que, para Luccas (1998) vem da admiração, da vontade do filho ser como o pai. No caso do torcedor, existe uma relação de adoração do líder do grupo, acompanhada de uma submissão do sujeito, justificada pela apreciação das ações do líder, que são inspiradoras para os membros das torcidas. Retomando a pesquisa de Martinelli (2007), um indivíduo demonstra alguns aspectos de atuação como líder da torcida organizada, afirmando que *“quando não estou trabalhando, estou me dedicando à torcida. Sou diretor, organizo o pessoal no estádio e puxo os gritos”*.

4.3.2 Relação Entre a Violência e a Psicanálise

Os torcedores associados às torcidas organizadas de futebol são considerados, em geral, como os únicos responsáveis pela violência presente nos estádios. O intuito da torcida organizada inicialmente era apenas associar-se para torcer pelo clube do coração. Com o passar do tempo, tornaram-se mais aficcionados à sua torcida organizada que ao próprio time do coração, seus integrantes passaram a respeitar suas normas internas, cargos foram criados nas

organizações torcedoras e a participação nas reuniões da torcida tornaram-se atividades frequentes. Porém, como todos os grupos da sociedade, as torcidas organizadas têm a violência presente no seu interior e ainda há um maior destaque, devido à importância dada ao futebol pela mídia. Banidos do futebol, eles sentem a necessidade de um espaço para serem ouvidos, buscando representantes em cargos políticos (LUCCAS, 1998).

Em sua pesquisa, Luccas (1998) constatou que a proibição das torcidas organizadas nos estádios do estado de São Paulo prejudicou muito mais os clubes, pois a renda e o público em dias de jogos decaíram, ao contrário da violência, que não diminuiu. Com isso, ações como sorteios de brindes e mudanças nos horários das partidas tentaram aumentar o número de espectadores. Ainda, o autor ressalta que muitos atos violentos que ocorrem nas arquibancadas são praticados por torcedores que não pertencem a nenhuma das torcidas organizadas, enquanto estas tentam se organizar, entrando em contato com policiais e outras torcidas, evitando tumultos (LUCCAS, 1998).

Em relação à violência, o autor cita a tradição do batizado do indivíduo ao ingressar em determinadas torcidas organizadas de futebol. O ritual, acompanhado de violência física e simbólica, é uma preparação para um provável enfrentamento com outros grupos e neste é avaliada também a coragem do novato. As torcidas aproveitam dos bons momentos do clube para a adesão de novos associados, porém, os torcedores classificam esses indivíduos recém-chegados na boa fase do time como pessoas frágeis (LUCCAS, 1998). Este caso de associação à uma torcida organizada utilizando da boa fase do clube é exemplificada quando um entrevistado de Martinelli (2007) diz que sua admiração “*vem da infância, devido ao grande time que a Parmalat montou e eu só via o Palmeiras vencer*”.

Nos atos de violência, qualquer que seja o tipo, o indivíduo sente a sensação de realização, pois se destaca os ideais valorizados por ele e seus companheiros, como o de coragem, força e potência. É um ato, simultaneamente, individual e grupal. O sujeito se defronta com uma situação de extremo prazer (na busca da felicidade) e cai na “sedução da violência. No caso da violência tem algo a mais, é diferente” (LUCCAS, 1998, p.212). O indivíduo extravasa o sentimento de angústia. Este é gerado em situações traumáticas pelas quais o sujeito já passou e, a briga é uma delas, exigindo que o indivíduo lide com uma situação de angústia propriamente dita (Luccas, 1998).

Na pesquisa de Martinelli (2007), um torcedor demonstra um grande prazer em praticar atos de violência: *“é muito bom quando você pega e bate mesmo. Quando você pega os “caras” e bate pra valer... Ah, daí é lindo!”*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseando-se nas referências bibliográficas citadas durante o trabalho, pode-se chegar a várias compreensões sobre a violência relacionada ao futebol, a utilização da *internet* como meio de comunicação entre os torcedores e como o respaldo da teoria freudiana aplicada às torcidas organizadas de futebol.

Primeiramente, pode-se retomar a idéia de Reis (2005) de que a violência encontrada no futebol é merecedora de uma análise micro e macroestrutural. Isto é, para a diminuição de atos violentos de todos os tipos, julga-se necessário rever todos os aspectos que envolvem o futebol diretamente (como os estádios, a segurança, o respeito com o espectador por parte do clube) e indiretamente (condições de moradia, de estudo, de qualidade de vida).

Na análise diretamente voltada ao futebol, vale ressaltar a interferência da mídia especializada, que foi criticada por autores ao longo deste trabalho e demonstram não ser ciente do papel formador que possuem sobre o torcedor, criticando as torcidas organizadas, negativando-as e responsabilizando-as por toda violência encontrada nas arquibancadas. Isto gera uma revolta por parte dos associados, que vêem sua imagem degradada e vão aos estádios já voltados contra a mídia.

Também é considerada importante a idéia de que os órgãos responsáveis pela segurança pública agem com brutalidade e o mal preparo da polícia dissemina a violência entre os espectadores, ao invés de contê-la, que é o propósito destes órgãos. Isto também faz com que os indivíduos vejam as autoridades como inimigas, aumentando a possibilidade de conflito.

Sobre a questão da violência, o prazer de se cometer um ato violento, citado por Luccas (1998) baseado em Freud, acentua valores como coragem, potência e força do indivíduo. Por outro lado, Elias, citado por Murad (2007), diz que o prazer transmitido pela violência diminui através do processo civilizador, o qual faz com que as pessoas controlem-se diante de situações extremas.

Outro ponto fundamental para este trabalho é a questão de um novo meio de comunicação entre os torcedores, a *internet*. Com isso, surge, então, o chamado ciberespaço, no qual os associados detêm de um espaço para se relacionar. Porém, este é um importante veículo para os indivíduos expressarem sua opinião e debaterem sobre seus times do coração. Assim

como em outras vertentes da sociedade, este meio é utilizado tanto de maneira positiva como de forma prejudicial. Um exemplo deste último é usar a *internet* para agendar confrontos entre torcidas rivais e, também, para relatar os feitos dos torcedores, que se orgulham em dizer que participaram de brigas ou cometeram atos de vandalismo. Como consequência, surgem os *cyberhooligans*, nomenclatura designada aos sujeitos que organizam encontros com seus rivais. Ao mesmo tempo, existem os *cyberpunks*, baderneiros que descrevem suas ações conflituosas nos *websites*. Ainda, destacam-se os chamados “não-lugares”, locais onde não há rígido controle de entrada e identificação, considerados ótimos para a aplicação da violência.

O ciberespaço ainda amplia o companheirismo encontrando nas arquibancadas, facilitando o contato entre os torcedores. Companheirismo este que Freud, segundo Luccas (1998), julga ser essencial para a formação de um grupo, em que o indivíduo pratica atos em benefício do grupo, deixando de lado o egoísmo e a preocupação consigo.

Pode-se concluir, através do referencial teórico, que pode haver uma maior identificação do indivíduo com a torcida organizada a qual pertence do que com o clube pelo qual torce. Isto se torna claro ao se constatar que há um maior número de informações encontradas nos *sites* sobre as torcidas em relação a conteúdos relacionados ao clube.

Existem duas vertentes sobre a simplicidade aplicada ao futebol citadas pelos autores recorridos neste trabalho. Uma afirma que a modalidade realmente é detentora de uma facilidade para sua prática de baixo custo. Por outro lado, cita-se que esta imagem cedida ao futebol é ilusória, pois este esporte envolve, atualmente, complexas relações monetárias e estruturais.

Outro ponto importante do trabalho é o sentimento de pertencimento que o indivíduo encontra em um grupo, neste caso, nas torcidas organizadas de futebol que, na visão de alguns torcedores, encontra-se um ambiente familiar, gerando segurança ao associado. Assim, como já dito nesta pesquisa, o estudo das características psicológicas do indivíduo não pode ser dissociado da psicologia social, pois as influências e interações que o sujeito sofre durante sua existência são primordiais para a formação da sua personalidade.

Por fim, vale ressaltar a grande relevância do futebol para a sociedade e, neste contexto, para o indivíduo e a magnitude deste fenômeno vai muito além das quatro linhas do campo. Este esporte traz consequências muito maiores que uma vitória da equipe. O futebol gera empregos, movimenta um alto capital, provoca felicidade para a população. No entanto, são

necessários mais estudos científicos sobre efeitos como a violência encontrada nos estádios, ao redor destes e, mais recentemente, na nova dimensão midiática que é a *internet*. É importante também lembrar da importância do educador físico, que forma o indivíduo para o lazer, faz com que este aprenda a lidar com a vitória e com a derrota e, enfim, não colabore para o aspecto negativo do esporte em geral.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUNNING, E.; CURRY, G. *Escolas Públicas, Rivalidade Social e o Desenvolvimento do Futebol*. In: GEBARA, A.; PILATTI, L. *Ensaio sobre História e Sociologia nos esportes*. Jundiaí-SP: Fontura, 2006.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, *Vocabulário da Psicanálise*. 4ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LUCCAS, A. N.; *Futebol e Torcidas: Um Estudo Psicanalítico Sobre o Vínculo Social*. Dissertação (Mestrado)- PUC, São Paulo: 1998.

MARTINELLI, D.O. *O Futebol no Comportamento do Indivíduo: Conhecendo a Mente do Torcedor Fanático*. Iniciação Científica. Faculdade de Educação Física- UNICAMP, 2007.

MORATO, M. P. *A Dinâmica da Rivalidade entre Pontepretanos e Bugrinos*. In: DAOLIO, J. *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas-SP: Editora Autores Associados, 2005.

MURAD, M. *A Violência e o Futebol: dos Estudos Clássicos aos Dias de Hoje*. Rio de Janeiro - RJ: Editora FGV, 2007.

REIS, H. *Futebol e sociedade: as manifestações da torcida*. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação Física, UNICAMP. Campinas-SP, 1998.

_____. *Espetáculo Futebolístico e Violência: Uma Complexa Relação*. In: DAOLIO, J. *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas-SP: Editora Autores Associados, 2005.

_____. *Futebol e Violência*. Campinas-SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

ROCCO, A. J. *O Gol Por Um Click: Uma Incursão ao Universo da Cultura do Torcedor de Futebol no Ciberespaço*. Tese (Doutorado)- PUC/SP. São Paulo, 2006.

SAVIANI, D. Prefácio. In: REIS, H. *Futebol e Violência*. Campinas-SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

TOLEDO, L. H. *Torcidas Organizadas de Futebol São Paulo*: Anpocs/Autores Associados, 1996.